


O Sul Global interroga a IA: notas da curadoria editorial

 10.46230/lef.v17i3.16821



Júlio César Rosa de Araújo (UFC-CNPq)  

araujo@ufc.br

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil

Kleber Aparecido da Silva (UnB-CNPq)  

kleberunicamp@yahoo.com.br

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil

Paulo Roberto Boa Sorte Silva (UFS)  

pauloboasorte@academico.ufs.br

Universidade Federal de Sergipe (UFS), Sergipe, SE, Brasil

Eduardo de Moura Almeida (Unicamp)  

dumoura@unicamp.br

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil

Este dossiê reúne pesquisas que, cada uma à sua maneira, recusam a fantasia confortável de uma “inteligência” artificial neutra e asséptica. Em vez disso, tomam os algoritmos como textos, inscritos em histórias coloniais, atravessados por relações de poder, corporais e situados, para perguntar, em diferentes campos: quem é incluído, quem é silenciado, quem é deformado e quem é esquecido. Desse modo, pensamos o dossiê como uma cartografia insurgente do Sul Global, um mapa que se redesenha a partir das bordas, das travessias e das margens onde os algoritmos também operam controle e apagamento. São essas cartografias de exclusão e reexistência que orientam o percurso do dossiê, cujos textos estão categorizados em cinco blocos, como mostramos subsequentemente.

Fundamentos críticos da IA: poder, exclusão e governança algorítmica

Este primeiro bloco funciona como a planta baixa do labirinto e delinea as bases conceituais, políticas e materiais que ajudam a compreender

de que modo os algoritmos se erguem em dispositivos de governo da linguagem, da visão e da vida social. Antes de acompanharmos seus efeitos sobre escolas, corpos, rostos ou imagens, é necessário desvelar o regime que programa o horizonte do possível e que define aquilo que pode ser dito, visto, reconhecido ou apagado.

Em função disso, abrimos com *“(Des)inteligência artificial e exclusão digital: por uma inclusão significativa”*, de Alejandro Knaesel Arrabal, Paulo Junior Trindade dos Santos e Cristhian Magnus de Marco, que desmonta a retórica da IA como solução técnica universal e a apresenta como vetor de (des)inteligência. É um texto de abertura do dossiê porque mostra que a questão não é a máquina, mas as racionalidades que a atravessam.

Em seguida, *“A não-neutralidade dos algoritmos e o seu uso pelas plataformas digitais”*, de Antonio Celestino e Stanley Cunha Teixeira, leva o leitor ao coração do código, onde decisões de exclusão e inclusão são inscritas sob o nome enganoso de “eficiência”.

A crítica se aprofunda com *“Algoritmo: viés, poder e ética na era da Inteligência Artificial”*, de Elaine Maria Gomes de Abrantes, Leandra de Oliveira Silva e Erick Araken Vieira Gomes, que trabalha empiricamente um banco de dados real e inscreve a discussão no horizonte constitucional.

O bloco então desloca o olhar para a política do apagamento com *“A lógica do esquecimento: poder, governança de dados e a crítica decolonial da Inteligência Artificial”*, de Jefferson Igor Duarte Silva, Akynara Aglaé Rodrigues Santos da Silva Burlamaqui e Aquiles Medeiros Filgueira Burlamaqui, mostrando que invisibilidade também é uma forma ativa de violência algorítmica.

Por fim, *“Autoria crítica e captura discursiva na IA generativa: disputas subjetivas e materiais no capitalismo digital”*, de Vitor Nunes Lages e Rafael Fernandes de Mesquita, introduz a captura da linguagem como eixo central da disputa política contemporânea. Fecha-se o bloco com a compreensão de que algoritmos classificam, escrevem, modulam e governam as pessoas.

Ao final, o leitor já enxerga a IA não como ferramenta, mas como ecologia discursiva e política.

Educação, letramentos críticos e IA

Uma vez entendidas as engrenagens de poder, neste segundo bloco des-

locamos o problema para o espaço escolar, onde essas engrenagens se tornam experiência, pois é na educação que a IA opera como promessa, ameaça e cotidiano e onde se formam ou se interrompem possibilidades de leitura crítica. Assim, este bloco inicia com *“Desafios éticos e sociais da inteligência artificial na educação”*, de Nayara Rocha Fernandes, Thiago Henrique Barnabé Corrêa e José Lucas Pedreira Bueno, que discute desigualdades de acesso, dependência tecnológica e políticas necessárias para um uso ético.

Depois, o dossiê se aproxima da escrita em ILA com *“Ensino de inglês com o gênero e-mail de convite e o uso de Inteligência Artificial generativa na escrita”*, de Adriana Almeida Fernandes e Tatiana Lourenço de Carvalho. As autoras mostram que IA surge como interlocutora problemática, cuja presença exige mediação docente e autoria responsiva.

Esse movimento se intensifica em *“Filtros de imagem e padronizações raciais: considerações sobre racismo algorítmico, realidade aumentada e ensino de língua inglesa”*, de Inês Cortes da Silva, Giulia Pereira Santos e Jayne dos Santos Oliveira, que mostra como filtros algorítmicos embranquecem rostos e reproduzem racismo em sala de aula. A escola é convocada não a seguir os algoritmos, mas a contestá-los.

Deficiência, surdez, audismo algorítmico e acessibilidade

Depois de debater políticas e educação, torna-se fundamental voltar o olhar para os corpos e modos de linguagem que os sistemas algorítmicos insistem em silenciar. Este bloco reorganiza o percurso do dossiê a partir de experiências historicamente marginalizadas e evidencia como a exclusão algorítmica se manifesta de maneira múltipla e persistente.

O artigo *“A adequação das legendas automáticas do aplicativo CapCut em vídeos verticais para Legendagem para Surdos e Ensurdidos”*, de Alessandro da Silva Pereira e Alexandra Frazão Seoane, mostra que falhas aparentemente pequenas nas legendas automáticas podem se converter em barreiras significativas ao direito à informação. Em *“Quando o silêncio vira meme: a necroalgoritmização e o audismo algorítmico”*, Júlio Araújo e Bruno Carioca analisam a passagem inquietante do suposto erro técnico ao riso viral, momento em que corpos Surdos são transformados em caricaturas e uma estética algorítmica da desumanização se instala, gerando audismo algorítmico. Encerrando o bloco, *“Representações algorítmicas da deficiência: uma análise de imagens geradas*

por Inteligência Artificial”, de Talita Souza Magnolo e Daniele da Silva Garcez Novaes, examina a imaginação computacional da deficiência e revela sua dependência de modelos capacitistas.

Em conjunto, os textos formam uma tríade que percorre diferentes níveis de exclusão na medida em que parte do problema técnico, atravessa a violência simbólica e alcança uma crítica estrutural da imaginação que as máquinas herdam, reproduzem e ampliam.

Imagens racializadas, colonialidade de dados e algoritmos da beleza

Neste bloco chegamos às formas de exclusão que se apresentam de modo mais imediato à percepção e, ao mesmo tempo, mais naturalizadas no cotidiano. Depois de discutir políticas educacionais e experiências de deficiência e surdez, voltamos a atenção para os modos como os sistemas algorítmicos moldam rostos, corpos e identidades e para a maneira como organizam silenciosamente o que pode ou não ser visto.

O artigo *“Respeite meus cabelos, brancos!” racismo algorítmico em bancos de imagens digitais*”, de Marco Túlio Pena Câmara e Mayelle Batista da Silva, evidencia que plataformas visuais tendem a embranquecer a noção de beleza e a reforçar ideais estéticos distantes da diversidade que compõe a sociedade brasileira. Em *“Algoritmos racistas no banco de imagens do Google um estudo discursivo de plataforma”*, Sanny Kellen Anjos de Souza e Bárbara Cristina Gallardo aprofundam essa discussão ao analisar resultados de busca que trazem à tona uma lógica de antinegritude inscrita no próprio funcionamento da ferramenta.

Na sequência, *“Racismo algorítmico a inteligência artificial e a (in)visibilização dos povos indígenas”*, de Mariolinda Rosa Romera Ferraz, amplia o panorama ao examinar representações de povos originários produzidas por IA, revelando como narrativas coloniais antigas são recicladas em forma de imagem computacional. Encerrando o bloco, *“A algoritmização da beleza poder, padronizações e a proliferação da harmonização facial em tempos de IA”*, de Morgana Machado e Maria Catarina Zanini, expõe a engenharia estética que converte a beleza em cálculo e transforma a diferença em desvio, consolidando padrões eurocêntricos e heteronormativos.

O conjunto evidencia que os algoritmos organizam imagens e, ao fazê-lo, instituem regimes de visibilidade que modelam o sensível e definem, com precisão técnica, as fronteiras entre presença e apagamento.

Entrevista

Para concluir o percurso com uma voz capaz de retomar e tensionar os caminhos percorridos, optamos por uma entrevista que se apresenta ao mesmo tempo como epílogo e orientação. A presença de Tarcízio Silva é especialmente significativa, já que ele é autor do primeiro livro publicado no Brasil sobre racismo algorítmico e abriu um campo de estudos que tornou urgente pensar a intersecção entre tecnologia, racialidade e política. Sua obra não apenas nomeia o problema, como também estabelece um horizonte analítico que influencia toda a produção posterior na área.

Em *“Racismo algorítmico justiça epistêmica e reexistência digital uma entrevista com Tarcízio Silva”*, realizada por Júlio Araújo, Kleber Silva, Paulo Boa Sorte e Eduardo de Moura Almeida, o pesquisador revisita conceitos fundamentais, como racismo algorítmico, curadoria de saberes negros e disputas em torno da regulação, ao mesmo tempo em que projeta caminhos de reexistência diante das arquiteturas de poder inscritas nas máquinas. A entrevista opera como coda porque recolhe os fios temáticos que atravessam o dossiê e os devolve ao leitor em chave crítica e ampliada. E funciona como bússola porque aponta direções, sugere horizontes e reafirma a necessidade de construir políticas e epistemologias que respondam à escala das violências digitais.

Encerrar com Tarcízio Silva significa reconhecer que, embora os algoritmos escrevam o mundo segundo seus próprios regimes de classificação, também somos capazes de escrever e reescrever as condições de sua existência. A entrevista reafirma, assim, a possibilidade de imaginar outras tecnologias e de reivindicar, no interior da máquina, espaços de justiça epistêmica e formas coletivas de reexistência.

Organizado dessa maneira, o dossiê propõe ao leitor um trajeto em espiral que parte dos fundamentos teórico-políticos, alcança as práticas educacionais, atravessa as experiências de deficiência e surdez e se adensa nas imagens racializadas e nos algoritmos da beleza, até culminar em uma interlocução que devolve ao campo dos estudos de linguagem a tarefa de disputar o futuro da inteligência artificial. A imagem que nos orienta não é a de um fio salvador capaz de garantir uma saída fácil do labirinto, mas a de uma cartografia insurgente traçada a partir do Sul Global, sustentada pela recusa em caminhar às cegas e pelo compromisso de interrogar o texto invisível dos algoritmos, linha a linha, para que outras formas de existência, sejam elas corporais, linguísticas ou epis-

têmicas, não apenas sobrevivam, mas reexistam em meio às lógicas da máquina.

Nesse percurso, torna-se fundamental reconhecer a tessitura institucional do dossiê. Reunimos aqui pesquisadoras e pesquisadores provenientes de vinte e uma (21) universidades e institutos públicos, distribuídos por todas as regiões do país. Essa pluralidade não se reduz a um dado estatístico, pois constitui a própria epistemologia que sustenta o conjunto de textos. Cada instituição aporta repertórios específicos, urgências locais, modos de leitura e formas de resistência que se articulam em um mosaico capaz de tensionar a homogeneização tecnocrática promovida pelas grandes plataformas. A presença de saberes produzidos na Amazônia, no Centro-Oeste, no Nordeste, no Sudeste e no Sul reafirma que pensar criticamente a inteligência artificial implica disputar os lugares de fala da pesquisa, redistribuir autoridade epistêmica e ampliar as geografias da produção científica.

A multiplicidade institucional que atravessa o dossiê amplia o horizonte crítico e inscreve no próprio gesto editorial um compromisso político, pois lembra que a leitura dos algoritmos e das violências que eles produzem precisa ocorrer a muitas mãos. Essa leitura nasce de territórios distintos e dialoga com realidades que não cabem nas lógicas centralizadoras das máquinas. Dessa pluralidade emergem as perguntas mais potentes e as respostas mais necessárias. E é dessa pluralidade que este dossiê se nutre e se fortalece.

Fortaleza, novembro negro de 2025.

Os organizadores.

Sumário

Inteligência Artificial, racismo algorítmico e outras exclusões (v. 17, n. 3, 2025)

O Sul Global interroga a IA: notas da curadoria editorial

Júlio Araújo; Kleber Silva; Paulo Boa Sorte; Eduardo de Moura

FUNDAMENTOS CRÍTICOS, PODER E GOVERNANÇA ALGORÍTMICA

1. (Des)inteligência artificial e exclusão digital: por uma inclusão significativa

Alejandro Knaesel Arrabal; Paulo Junior Trindade dos Santos; Cristhian Magnus de Marco

2. A não-neutralidade dos algoritmos e o seu uso pelas plataformas digitais

Antonio Celestino; Stanley Cunha Teixeira

3. Algoritmo: viés, poder e ética na era da Inteligência Artificial

Elaine Maria Gomes de Abrantes; Leandra de Oliveira Silva; Erick Araken Vieira Gomes

4. A Lógica do Esquecimento: Poder, Governança de Dados e a Crítica Decolonial da Inteligência Artificial

Jefferson Igor Duarte Silva; Akynara Aglaé Rodrigues Santos da Silva Burlamaqui; Aquiles Medeiros Filgueira Burlamaqui

5. Autoria crítica e captura discursiva na IA generativa: disputas subjetivas e materiais no capitalismo digital

Vitor Nunes Lages; Rafael Fernandes de Mesquita

EDUCAÇÃO, LETRAMENTOS CRÍTICOS E IA

6. Desafios éticos e sociais da inteligência artificial na educação

Nayara Rocha Fernandes; Thiago Henrique Barnabé Corrêa; José Lucas Pedreira Bueno

7. Ensino de inglês com o gênero e-mail de convite e o uso de Inteligência Artificial generativa na escrita

Adriana Almeida Fernandes; Tatiana Lourenço de Carvalho

8. Filtros de imagem e padronizações raciais: considerações sobre racismo algorítmico, realidade aumentada e ensino de língua inglesa

Inês Cortes da Silva; Giulia Pereira Santos; Jayne dos Santos Oliveira

DEFICIÊNCIA, SURDEZ, AUDISMO ALGORÍTMICO E ACESSIBILIDADE

9. A adequação das legendas automáticas do aplicativo CapCut em vídeo

os verticais para Legendagem para Surdos e Ensurdecidos

Alexssandro da Silva Pereira; Alexandra Frazão Seoane

10. Quando o silêncio vira meme: a necroalgoritmização e o audismo algorítmico

Júlio Araújo; Bruno Carioca

11. Representações algorítmicas da deficiência: uma análise de imagens geradas por Inteligência Artificial

Talita Souza Magnolo; Daniele da Silva Garcez Novaes

IMAGENS, RAÇA, COLONIALIDADE DE DADOS E ALGORITMOS DA BELEZA

12. “Respeite meus cabelos, brancos!”: o racismo algorítmico em bancos de imagens digitais

Marco Túlio Pena Câmara; Mayelle Batista da Silva

13. Algoritmos racistas no banco de imagens do Google: um estudo discursivo de plataforma

Sanny Kellen Anjos de Souza; Bárbara Cristina Gallardo

14. Racismo algorítmico: a inteligência artificial e a (in)visibilização dos povos indígenas

Mariolinda Rosa Romera Ferraz

15. A algoritmização da beleza: poder, padronizações e a proliferação da harmonização facial em tempos de IA

Morgana Machado; Maria Catarina Zanini

ENTREVISTA

16. Racismo algorítmico, justiça epistêmica e reexistência digital: uma entrevista com Tarcízio Silva

Júlio Araújo; Kleber Silva; Paulo Boa Sorte; Eduardo de Moura Almeida